

MARÍA LUGONES, DECOLONIALIDADES E O CONCEITO DE MULHER.

**ARNOLD ISSAÇA GLOOR^{1,2*}, EMANUELE PASKA DOS SANTOS³, THIAGO
SOARES LEITE^{2,4}**

1 Introdução

A presente pesquisa investigou a articulação entre as noções de decolonialidades⁵, gêneros e feminismos, centrando-se na obra da filósofa María Lugones, mais especificamente no artigo intitulado *Colonialidade e gênero*. O tema fundamental foi a análise do "sistema moderno/colonial de gênero", um fenômeno que transcende a simples classificação racial para constituir um dos eixos estruturantes do sistema de poder global, atravessando o controle do trabalho, da autoridade coletiva, da subjetividade e do acesso ao sexo. Contextualmente, a modernidade organizou o mundo sob uma lógica categorial dicotômica e hierárquica, que separa a realidade em categorias homogêneas e utiliza o gênero binário e heterossexualidade como uma marca de "civilização" imposta pelo colonizador europeu.

O problema de pesquisa emerge da constatação de que o conceito universal de "ser humano" e, por extensão, o de "mulher", pressupõe o padrão das pessoas brancas e heterossexuais, deixando à margem aqueles que não se encaixam nessa norma. Essa estrutura produz uma indiferença sistemática, inclusive por parte de homens colonizados, diante das violências sofridas pelas mulheres de cor, sujeitos que habitam a intersecção de raça, classe e gênero e que são frequentemente invisibilizados tanto pelo patriarcado quanto pelo feminismo hegemônico. A imposição colonial não apenas subordinou essas fêmeas⁶, mas operou uma

1 Estudante do curso de Filosofia - Licenciatura pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus* Erechim, contato: arnold.gloor@uffs.edu.br

2 Grupo de Pesquisa: Epistemologia e Metafísica

3 Graduada em Filosofia - Licenciatura, UFFS, *campus* Erechim, contato: em4nuele@icloud.com

4 Doutor em Filosofia, professor do curso de Graduação em Filosofia - Licenciatura da UFFS - *Campus* Erechim e do PPGFIL da UFFS - *Campus* Chapecó, contato: thiago.leite@uffs.edu.br, **Orientador**.

5 Utilizamos o termo "decolonialidades", tanto no corpo do texto quanto no título do subprojeto, para enfatizar o caráter plural que os processos de decolonização assumem no debate acadêmico. Assim, podemos falar sobre uma decolonialidade de matriz africana, sobre uma decolonialidade que parte dos povos originários etc. Dentre as diversas expressões das decolonialidades, a pesquisa se insere no que se convencionou denominar por "crítica à colonialidade de gênero" e "feminismo decolonial".

6 O uso do termo "fêmea", aqui, não tem a intenção de reproduzir uma concepção colonial desumanizadora, mas respeitar a terminologia utilizada pela autora. Com efeito, Lugones se refere assim para marcar a negação colonial do seu estatuto de humanidade e de "mulher".

redução à animalidade e à desumanização, tratando-as como seres "sem gênero" e despojando-as de suas organizações sociais e cosmologias pré-coloniais, que muitas vezes não eram baseadas no dimorfismo biológico ou na hierarquia patriarcal.

Diante desse quadro, o objetivo geral da pesquisa foi o de investigar a articulação teórica de Lugones para compreender as críticas ao conceito de mulher e a proposta de um feminismo decolonial. A investigação buscou, especificamente, analisar a noção de interseccionalidade e como a resistência se manifesta no "lócus [*sic*] fraturado" da diferença colonial, em que sujeitos oprimidos mantêm subjetividades ativas e práticas comunitárias que desafiam a lógica do capital e da modernidade. O estudo pretendia, assim, utilizar a colonialidade do gênero como uma lente para revelar o que está oculto nas compreensões tradicionais de raça e sexo, visando uma transformação vivida do social e a superação da lógica de desumanização.

2 Objetivos

Geral:

- Investigar a articulação entre as noções de decolonialidade, gênero e feminismos a partir de María Lugones.

Específicos:

- Investigar a noção de interseccionalidade utilizada por María Lugones.
- Investigar a noção de gêneros utilizada por María Lugones;
- Investigar a noção de feminismos utilizada por María Lugones.

3 Metodologia

A pesquisa concentrou-se na análise sistemática da obra *Colonialidade e gênero*, de Maria Lugones, com o intuito de reconstruir sua teoria presente na obra. Ao longo dos 12 meses, se teve por finalidade identificar o conceito de mulher e as críticas realizadas a esse conceito, bem como a articulação filosófica entre esses conceitos realizada pela autora. Na medida em que o texto objeto de análise desta pesquisa já estava determinado na proposta do subprojeto executado, coube aos bolsistas, por meio de fichamentos e de debates com o orientador, circunscrever os conceitos de interseccionalidade, de gêneros e de feminismos, a fim de,

primeiramente, os compreender e, posteriormente, articulá-los de acordo com a proposta de Lugones.

4 Resultados e Discussão

O estudo operou sobre como a modernidade organiza o mundo por meio de categorias dicotômicas e hierárquicas, estruturando o que a autora denomina "sistema moderno/colonial de gênero", que atravessa o controle do trabalho, da subjetividade e do acesso ao sexo. Assim, a aplicação da interseccionalidade, como ferramenta de análise, foi importante para iluminar realidades caracterizadas pelo intercruzamento de marcadores até então analisados isoladamente.

Os resultados revelaram que o gênero não é um dado biológico universal, mas uma imposição colonial utilizada como ferramenta de dominação para desestruturar organizações sociais e cosmologias pré-coloniais. A pesquisa demonstrou que a categoria "mulher" foi historicamente construída como um conceito restrito à fêmea⁷ branca e burguesa, enquanto as fêmeas não brancas foram sistematicamente desumanizadas e reduzidas à animalidade, sendo tratadas como seres "sem gênero" para justificar explorações que não seriam aplicadas às mulheres "civilizadas". Esse processo eclipsou realidades de sociedades como a Iorubá e diversas tribos nativo-americanas, que possuíam estruturas igualitárias, ginocêntricas ou não binárias, nas quais o poder e a função social não eram determinados pelo dimorfismo biológico ou pela heterossexualidade compulsória. Consoante a isso, torna-se compreensível pensarmos a questão não mais sob a lógica do gênero binário, como, segundo Lugones, feito por Quijano, mas sob a ótica da diversidade de gêneros.

A investigação evidenciou que o feminismo hegemônico incorre em uma "cegueira epistemológica" ao tratar a experiência da mulher branca como norma universal, invisibilizando as "mulheres de cor" que habitam a intersecção indissolúvel de raça, classe e gênero. Portanto, impõe-se a necessidade de se trabalhar com outros feminismos, para além do hegemônico, que considerem essas outras realidades.

O estudo ressaltou a relevância da resistência manifestada no "*locus* fraturado" da diferença colonial, espaço em que os sujeitos oprimidos mantêm subjetividades ativas e práticas comuns que desafiam a lógica capitalista e moderna. Assim, a pesquisa concluída contribui

⁷ Vide supra, nota 6.

para o campo ao demonstrar que a descolonização do gênero é uma práxis necessária para a transformação social, exigindo o reconhecimento de que não há descolonialidade sem a superação das dicotomias hierárquicas impostas pelo sistema colonial.

5 Conclusão

A conclusão desta pesquisa reafirma que o gênero, longe de ser um dado biológico universal, constitui uma imposição colonial fundamental para a manutenção do padrão de poder eurocêntrico. Ao reconstruir a teoria de María Lugones, a investigação evidenciou que o "sistema moderno/colonial de gênero", centrado no binarismo de gênero, operou uma desumanização sistemática das fêmeas não brancas, reduzindo-as à animalidade e tratando-as como seres "sem gênero" para justificar explorações laborais e sexuais brutais que não seriam aplicadas às mulheres "civilizadas", a quem o conceito de mulher se aplicaria. Esse processo não apenas silenciou vozes, mas buscou apagar cosmologias e organizações sociais pré-coloniais que possuíam estruturas igualitárias e não-binárias, demonstrando que a dicotomia homem/mulher é uma marca de "civilização" imposta para desestruturar a autoridade coletiva e a subjetividade dos povos colonizados. Nesse sentido, evidenciou-se a necessidade de se pensar gêneros e feminismos, assim no plural, a fim de contemplar a diversidade de realidades que a análise de Lugones traz a lume.

A investigação também compreende que a aplicação da interseccionalidade é um movimento imprescindível para superar a "cegueira epistemológica" do feminismo hegemônico, que historicamente tomou a experiência da mulher branca, burguesa e heterossexual como norma universal. Ficou claro que as "mulheres de cor" habitam o "lôcus fraturado" da diferença colonial, um espaço no qual a subjetividade resiste ativamente às classificações simplistas e dicotômicas da modernidade. Esse espaço de resistência é o local em que os sujeitos oprimidos preservam práticas comunitárias e identidades que desafiam a lógica do capital, revelando que a categoria "mulher" permanece vazia ou assume um sentido racista se não for compreendida como indissoluvelmente tramada com as categorias de raça e classe.

Por fim, o estudo conclui que a descolonização do gênero não é meramente um exercício teórico, mas uma práxis necessária para a transformação social e para o resgate de humanidades negadas pela colonialidade do ser. A contribuição desta pesquisa para os campos da Ontologia e das Filosofias Decoloniais reside em expor os pressupostos ontológicos que mantêm grupos

marginalizados na invisibilidade e na obscuridade teórica. Compreender que não há decolonialidade sem a superação das hierarquias de gênero é o passo fundamental para uma nova geopolítica do saber e do amar, que priorize a integridade comunal e o "bem viver" em oposição à lógica de fragmentação e desumanização imposta pelo sistema colonial.

Referências Bibliográficas

LUGONE, M. "Colonialidade e gênero". In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, pp; 52-83

MARIAS - IRI USP. Maria Lugones - Colonialidade e Gênero. YouTube, 2 jun. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/pyrE1GDsVC4?si=dJXeMJpmWtZryCzl>. Acesso em: 10 jul. 2026.

Palavras-chave: Filosofia decolonial, mulheres de cor, interseccionalidade, gêneros, feminismos.

Nº de Registro no sistema Prisma: PES-2025-0480

Financiamento

